

A CHANCELER MERKEL EM MAUS LENÇOIS

por Mário Soares

Os aliados liberais e ultraconservadores da Chanceler Merkel, segundo as últimas sondagens, estão a definhar e a sua crise interna ameaça, como se compreende, a estabilidade do Governo presidido pela Senhora Merkel. É certo que Senhora Merkel democrata cristã, do CDU, não tem perdido popularidade. Mas as dificuldades repetem-se uma a seguir à outra. Foi forçada a votar, no Domingo passado, no candidato Joachim Gauck, eleito Presidente da Alemanha e antigo pastor protestante, como o pai da Chanceler, tendo também vivido na Alemanha de Leste. A eleição não agradou nada a Merkel e pode pôr em causa a estabilidade da coligação CDU/FDP. Os liberais, aliados da Chanceler, puseram, de resto, à Chanceler um ultimato tipo: "se vota em Gauck não haverá nada connosco". Mas, em política partidária, quando se torna assanhada, muitas vezes, "as palavras leva-as o vento"...

No entanto, perante uma complexa política da Alemanha Federal, com eleições regionais difíceis, a Chanceler Merkel, com o partido liberal (FDP) que não recupera, vai ter de pensar numa nova coligação. Já o fez uma vez, ao mudar de parceiros, e nas próximas eleições federais, de Setembro de 2013, vai ter de mudar outra vez, provavelmente coligando-se com o SPD (social democrata) ou com os verdes, se não for com ambos. Tudo isto se repercute na política europeia, tão contraditória e difícil, como é óbvio.

O politólogo alemão Gerd Langguth, democrata cristão e reputado professor da Universidade de Bona, que foi biógrafo da Chanceler, escreveu no El Pais, de Domingo último, que "o frágil pacto da CDU com os liberais aguentará até ao amargo final da legislatura". Talvez, mas não é certo. E descreve a Chanceler Merkel como "uma pessoa sem ideologia". Já o sabíamos, os que têm acompanhado com atenção as contraditórias posições da Senhora Merkel, relativamente às tão pouco claras posições tomadas na política europeia...

Note-se que a Senhora Merkel quando viu, nas últimas semanas, as dificuldades que Nicolas Sarkozy estava a ter para disputar as eleições presidenciais próximas, em Abril, segundo todas as sondagens, excepto a última, resolveu fazer propaganda - entre os europeus - em favor do seu aliado, amigo e seguidor fiel. Disse-o nos jornais e em bom som. Resultado: Nicolas Sarkozy, que teme não passar à segunda volta, por causa da sua rival à Direita, Marine Le Pen, teve o cuidado de dizer, para não dar motivos aos chauvinistas franceses, cujos votos pretende recolher, para si, que: "as eleições francesas discutem-se em França".

A Senhora Merkel, tão orgulhosa da sua posição, não gostou nada do que ouviu. E disse-o, para que conste. Mas os partidários europeus da dupla Merkozy acharam feia a ingratidão...

O que é interessante é que no mesmo Sábado, em Paris, num comício impressionante, onde se encontravam líderes socialistas, social-democratas e democratas progressistas, de diversos Estados da União, François Hollande tomou a iniciativa de selar com os presentes um pacto para "reconstruir a Europa", assumindo que é necessária "uma revolução social democrática", obviamente pacífica, na União Europeia. E outros acrescentaram: a política de austeridade é suicida e está a fazer pagar a crise às classes populares e médias. Como está à vista, por toda a parte.

Pela primeira vez, desde há bastante tempo, os partidos socialistas, social-democratas, verdes e progressistas - e os cidadãos europeus independentes - resolveram falar alto em termos europeus, rejeitaram o neo-liberalismo e as suas políticas suicidas, querendo fazer avançar a União Europeia, sem esquecer a solidariedade, os valores éticos, os Direitos Humanos e a justiça social.

Não é pequena coisa. Foi uma janela de esperança que se nos abriu. Pode mesmo ser o princípio de uma nova era para a União Europeia e, sobretudo, para os Estados da zona euro. Espero bem que assim seja!

Lisboa, 22 de Março de 2012